



## **BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE**

### **PROJETO MEMÓRIA ORAL**

**CARLOS ALBERTO NONATO DE LIMA**

Hoje, 16 de dezembro de 2008, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do funcionário Carlos Alberto Nonato de Lima para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas – antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner, e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

**Ana Elisa:** Boa tarde, Nonato.

**Carlos Alberto:** Boa tarde.

**AE:** Gostaria de iniciar o depoimento pedindo para você contar um pouquinho sobre a história da sua família, suas origens e o lugar onde você nasceu.

**CA:** Bom, eu sou de São Paulo, nasci no Tucuruvi. Minha infância, minha adolescência foi toda na zona norte, no Tucuruvi, lugar que eu não troco por lugar nenhum. Minha vida está toda ali, eu casei e meu filho está lá e é ali que eu pretendo envelhecer e dar continuidade à vida.

**AE:** E os seus pais são de São Paulo também?

**CA:** Não. O meu pai é cearense e a minha mãe é paulistana. O meu pai é cearense, veio para cá com 19 anos, batalhou muito como corretor de imóveis e ficou numa

situação bem legal... Fui criado num ambiente super saudável, com pai, mãe e a família, um negócio assim bem legal, tradição. Sem novidade, foi tranquilo.

**AE:** Muitos irmãos?

**CA:** Duas irmãs. Eu sou o do meio, tem a mais nova e uma mais velha.

**AE:** E as escolas que você estudou eram todas nessa região?

**CA:** Olha, eu estudei em escola pública da região, na Mazzei. Depois eu fiz meu ginásio num colégio de freiras, no Santa Gema que é um colégio tradicional da zona norte, no bairro do Tremembé.

Ali eu comecei a descobrir, como tinha muita arte, aulas de piano... Eu comecei a me interessar pela música e pela cultura toda que me fez, muitos anos depois, optar pela Secretaria de Cultura, quando eu entrei na Prefeitura, exatamente por essa formação toda que eu já tinha de infância. O gosto pela música que, nas escolas de infância, eu aprendi a gostar e a ligar mais, e ver que era aquilo mesmo que eu queria fazer.

**AE:** Você tinha alguma profissão que você ambicionava? Que você tinha um sonho?

**CA:** Eu sempre quis ser músico. É minha opção mesmo. O que eu mais gostaria de fazer hoje é algo para o lado da música, da cultura musical mesmo. Toco bateria. Então meu objetivo foi sempre a música e o lado da cultura. Eu não consigo me ver fazendo outra coisa, apesar de já ter sido bancário e ter trabalhado com o meu pai no ramo de imobiliária, mas meu lado foi sempre o musical. É o que eu sempre quis fazer, é o que eu sei fazer, acho que sei fazer. E eu ainda estou correndo atrás dessa oportunidade para ver se eu consigo chegar onde eu quero. Pretensões grandes, não. É mais para tocar, ter aquele prazer de tocar, de fazer, de conviver, sentar ali na bateria e tocar, sem grandes pretensões, é só tocar sossegado...

**AE:** Tem alguém na sua família que é músico?



**CA:** Não. Só eu mesmo que quis seguir esse lado. A minha irmã fez advocacia, a mais velha é funcionária pública também, ela trabalha na regional do Jaçanã. Eu fui o único que quis seguir uma carreira. Carreira que eu digo é amadora, nada profissional, mas eu ainda vou chegar lá.

**AE:** E como é que você descobre o centro de São Paulo?

**CA:** Eu fui, nos tempos de moleque, *office boy* dessa firma com o meu pai. Então eu conheci muito São Paulo assim, indo atrás, colocando a pastinha de baixo do braço e saindo por aí fazendo serviços burocráticos de rua e aquele negócio todo. Foi onde eu comecei a conhecer os pontos, a Biblioteca mesmo.

Na minha juventude, nos intervalos do trabalho com meu pai, eu ia muito à Biblioteca Mário de Andrade, ler. Eu me interessava muito pelas revistas de automobilismo, *Quatro Rodas* e outras revistas, mapas, que eu também sempre gostei. É onde eu fui conhecendo os lados culturais da cidade e andando... É por aí que eu fui.

**AE:** E na Biblioteca, como é que foi isso, num belo dia você passou na frente...

**CA:** O meu pai já frequentava. Como ele mexia com esse ramo de imobiliária, ele ia muito atrás de novidades, de jornais, das leis que saíam e envolviam o ramo imobiliário. Então eu sempre ia no embalo dele, ele ia ler o seu jornalzinho e aquela coisa toda e eu ficava mais para o lado da... Tinha o lado da hemeroteca que você podia ficar vendo... O setor de audiovisual que você podia ficar ouvindo as músicas. E lendo tudo que envolvia arte. Eu procurava ficar ali no meio e me interar bastante. Ai eu comecei a conviver com a Biblioteca mesmo. Já teve esse lado já bem de garotão mesmo.

**AE:** Novo.

**CA:** Bem novo. Eu estava na faixa dos 15 ou 16 anos quando comecei a frequentar... Tinha o Edson, que era o marido da Roseli e está aposentado... Eu o



conheci bem antes de pensar em ser funcionário público, porque eu já convivía com aquele pessoalzinho dali. Mas assim bem profissional, eu lia tudo que tinha que ler. Tinha também a parte musical do teatro que eu gostava muito, mas era sempre isso aí. O Centro Cultural também que apareceu um tempo depois. Mas eu sempre convivi nesse meio artístico de São Paulo, porque eu me vejo também como parte dessa cultura... Quero fazer... Então eu procurei me interessar.

**AE:** Então você frequentava a Biblioteca em vários setores. Em que horário você ia?

**CA:** Olha, eu sempre na... Não tinha muito horário, mas era sempre nesse horarinho assim entre meio dia e duas horas da tarde que era o horário que eu tinha vago. Sobrava um tempinho e eu sempre procurava ir atrás de um livro, de uma revista para eu ficar bem informado da situação.

**AE:** E o que você achava, o que você procurava de interessante?

**CA:** Eu sempre encontrei tudo que eu procurei. Tudo que me interessava ler eu encontrava lá, tanto na parte automobilística, na parte de shows, jornais. Tudo que eu procurei... O atendimento sempre foi muito bom, sempre me dei bem com os funcionários. Naquela harmonia toda eu conseguia tudo que eu ia pesquisar. Sem problemas...

**AE:** E nessa época você se recorda da frequência? Tinha muita gente na Biblioteca?

**CA:** Naquele tempo, antes de aparecer a internet e esse negócio todo, a Biblioteca tinha uma frequência muito grande. De sábado para você ter uma idéia, tinha fila. Como funcionário, antes de aparecer a internet, era enorme, tinha a parte infantil, a parte adulta, a dos universitários. Você conseguia tudo ali, ela atendia todas as classes, os níveis... Era bem variado.

Infelizmente, com esse negócio de internet, o pessoal abandonou um pouco as bibliotecas, fica mais em casa... O pessoal vai procurar mesmo ali quando é uma coisa que... As pessoas vão muito atrás de jornais, de ler aquela notícia do dia, mas



esquecem de ler um bom livro. De ir lá e ver que lá tem mapas, o acervo da ONU<sup>1</sup>. Eu gostaria que essa parte voltasse, depois da reforma, a ser o que era antes. Infelizmente eu que já estou lá há vinte anos, senti muito essa coisa de ver a Biblioteca... Tinha épocas vazia; o pessoal abandonou, mas deveria se interessar mais pela cultura, não só pela parte de livros, mas também de shows.

Uma coisa que eu falei com o Edécio, sobre voltar as terças musicais, as Quintas Musicais<sup>2</sup>. Que a Biblioteca fosse um *point* mesmo e que as pessoas voltassem a interagir, a ficar ali e poder ler um bom livro, a passar aquelas horinhas de prazer lendo, ouvindo e até mesmo conversando, trocando ideias. Espero que com a reforma tudo isso volte, é o que eu espero.

**AE:** Nonato, antes de entrar nessa fase em que você se torna um funcionário da Biblioteca, você tinha mencionado o Centro Cultural como um lugar de cultura na cidade. Você frequentava bastante?

**CA:** Eu frequentava bastante o Centro Cultural. Na parte musical, eu ia ouvir muita música lá. Eu ia muito a shows, ler lá eu li pouco. Eu procurava mais shows ali por causa da facilidade, você tinha o acesso musical... Então o Centro Cultural foi mesmo na parte de música e de shows mesmo. Eu pouco entrei ali para ler.

Mas eu gostaria muito que a Biblioteca fosse uma... Não pode ser igual ao Centro Cultural, não tem como ser, mas que se inspirasse um pouco no Centro Cultural. Ia ficar muito bacana aquela parte de ter um café... Um *point* mesmo em que as pessoas se encontrassem não só para ler, mas para trocar ideias. O Centro Cultural foi assim, eu fui lá para a parte de shows.

**AE:** Tinha algum outro lugar que você acha que tinha esse papel e que você também frequentava?

**CA:** Não, o que eu mais frequentei foi o Centro Cultural e a Biblioteca Mário de Andrade. Frequentei bastante, outros lugares pouco.

---

<sup>1</sup> Organização das Nações Unidas

<sup>2</sup> Eventos musicais que aconteciam no auditório da Biblioteca, sempre às quintas-feiras



**AE:** Nonato, como foi o seu ingresso na Biblioteca? Você prestou um concurso, ou o concurso foi para a Biblioteca? Como foi?

**CA:** Eu tinha acabado de ser mandado embora do Banco Itaú. Eu entrei e logo veio o Plano Cruzado. Só o Banco Itaú mandou quase três mil funcionários embora. Então eu fiquei pouco no banco, não tive sequência exatamente por isso aí. Hoje graças a Deus... Comigo banco não tinha nada a ver. Engravatado e aquelas coisinhas de ficar com o cabelo aparadinho, barbinha, isso não era muito comigo não. Bem na época que eu curtia um *rock* pesado, para você ver, era um contraste. Logo que teve essa dispensa do banco, eu fiquei um tempo desempregado, eu voltei a trabalhar com o meu pai nos serviços burocráticos do escritório.

O meu pai me inscreveu para fazer o concurso. Para vigilante que eu nunca tinha trabalhado, nem sabia o que era ser um vigilante. Mas eu fui mesmo para ter estabilidade que todo mundo falava na época... Quando eu entrei, eu fiz o concurso para ser vigilante, mas com o objetivo de não ser vigilante. Eu queria fazer parte, na época, da Extensão Cultural que tinha o André que mexia com auditório e tudo. Mas eu acabei não ingressando nessa parte porque eu passei para a noite. Precisei arranjar outro serviço, aí eu fiquei esses meus 14 anos à noite em função de um outro serviço que eu tinha de manhã. Eu também não pude agilizar mais o que eu queria na parte de cultura porque eu trabalhava à noite, meu tempo ficou muito escasso. Aquele cansaço do dia, você sai de um e entra no outro. Foi uma época prazerosa por um lado, porque eu conseguia me manter nos dois serviços e dava para fazer o que eu queria, mas por outro lado era cansativo porque sair de um para entrar no outro. E na imobiliária, às vezes, eu tinha que ir viajar para longe, às vezes, eu chegava no serviço e já tinha que ir para Franca, para Ribeirão Preto e, às vezes, pernoitar lá. Então o negócio era cansativo, teve o lado lucrativo que foi legal, mas logo eu tive que abrir mão porque não estava mais aguentando e ficando muito cansado. Abri mão e fiquei só com a Biblioteca mesmo.

**AE:** Você ficou 14 anos como vigilante trabalhando à noite?



**CA:** À noite. Eu nunca tinha trabalhado à noite, de vigilante. O centro de São Paulo você sabe que não para. Aquela violência toda, o que acontece de manhã piora à noite, fica mais agressivo ainda, principalmente naquele miolinho. Então eu vi coisas ali que realmente é lamentável. Era um dos problemas que eu enfrentava, exatamente por causa disso aí, ver aquela violência toda e você saber que está no meio ali e você ter que preservar a edificação e o acervo. Então nós tínhamos um trabalho que foi estressante, preocupante, porque tinha gente que se bobeasse queria botar fogo ali. Você tinha que ficar atento 24 horas e aquela pressão toda que exerciam sobre nós: “Oh, tem que ver isso, tem que ver aquilo”. “Isso aqui não pode desligar, isso tem que ligar”. “Essa porta tem que estar fechada”. Quando tinha uma ocorrência de uma pedra que jogavam no vidro, eu tinha que passar horas e horas na delegacia para fazer ocorrência e, às vezes, não dava em nada.

Tinha aquilo... À noite tinha aquela coisa... Quando tinha shows, eu entrava na cabine e começava a participar um pouco. Ficava ali na cabine de som e tinha esse lado, porque quando tinha alguma música eu ia lá ajudar a fazer alguma coisinha. Mas o prazer era pouco, aquela angústia toda vinha e batia de novo porque você sabia que os momentos de prazer eram curtos e depois vinham todos aqueles dias de novo, a violência, gente jogada no chão... Facadas. Horrível.

**AE:** Ao redor da Biblioteca?

**CA:** Ao redor da Biblioteca. E se você bobeasse aquela violência pulava aquela grade. Eu mesmo vi isso em situações ali. Fui parar na Santa Casa com um cidadão. Ele foi jogar uma pedra na coisa, eu entrei na frente e tomei uma pedrada na testa e tomei quadro pontos.

Para mim foi a gota d'água. Eu já estava ali meio saturado e falei: “Não vai dar. Onde aparecer oportunidade...” Os cargos de vigilância na Prefeitura foram todos extintos e aí apareceu essa função de AGPP<sup>3</sup>, de Agente de Apoio. A Rita me chamou para trabalhar de manhã lá e eu tive essa oportunidade de lidar mais com o público, eu sempre gostei de lidar com o público. Quando eu entrei na Biblioteca, eu não entrei como vigilante – a minha função era vigilante – mas eu lidei com o público

---

<sup>3</sup> Assistente de Gestão de Políticas Públicas



na parte da recepção. Depois eu tive que passar para a noite, onde eu fiquei esse tempo todo, aí a Rita me chamou para retornar para o período da manhã. Onde eu tive aquele contato com o público de novo que eu sempre gostei. O povo, uns vem com os seus problemas o outro com as suas alegrias e outros com a sua tristeza. É uma coisa que eu gosto bastante, lidar com o público e eu tive essa oportunidade novamente, a Rita me deu a oportunidade de lidar com o público. Inclusive, eu me sinto até deslocado, porque eu estou na parte da administração, do protocolo, mas eu me sinto deslocado, não me sinto muito bem porque eu quero lidar com o público. Eu não sei se quando a Biblioteca reabrir eu vou voltar a ter essa... Você mesmo passou várias vezes na portaria e me viu lá... Era uma coisa que eu adorava fazer, lidar com o público. Depois quando eu soube que ia para a parte administrativa, para o protocolo, eu fiquei meio assim, porque eu não gosto das coisas burocráticas, eu gosto de lidar com o povo. Estou esperando para ver o que vai dar, se eu volto a lidar com o público ou se eu fico nessa parte burocrática que estou me saindo muito bem. Estou gostando, mas não é muito o que eu queria não.

**AE:** Nonato, eu queria saber mais um pouquinho dessa fase que você trabalhou como vigilante, porque é uma coisa que a gente não ouviu falar, é uma coisa que as pessoas não conhecem direito. O que acontece afinal? Você tinha uma rotina? A que horas você chegava?

**CA:** Nós entrávamos às 19 horas e saíamos às sete horas da manhã. Era 12 por 36.

**AE:** Trabalhava 12 horas e depois folgava 36?

**CA:** Isso. Você vê, tinha essa regalia. No outro serviço você podia se empenhar mais. Mas eu vou contar, eu peguei vários velórios à noite lá, na Biblioteca. Teve uma parte engraçada. O primeiro velório que eu peguei à noite estava eu e o Jesuíno que não se encontra mais na Biblioteca hoje. Então nós estávamos lá e o falecido era um escritor que tinha morrido de AIDS. O corpo chegou às 17 horas da tarde e quebrou aquele clima, porque a Biblioteca é uma coisa que apesar de ter aquele silêncio porque a pessoa quer se concentra para ler, tinha aquela conversa,



harmonia, você via que estava todo mundo feliz conversando e, quando se viu um carro fúnebre parando para deixar o corpo, todo mundo já ficou... Acabou com aquele clima, ficou aquela coisa pesada. Eu me lembro que quando parou aquele carro na frente nós fomos ficando assim... Desceu: “Aqui é a Biblioteca, o corpo do Fulano vai ser velado aqui”. Dirigimos ali, ele montou aquele negócio todo...

**AE:** Onde que ficava? Na Sala de Leitura?

**CA:** É, na Sala de Leitura onde é a administração. Bem no meio ali.

**AE:** Será que de vez em quando não aparece...

**CA:** Tem histórias, eu não acredito. Mas tem umas histórias que eu ouvi lá interessantes também. E aí quando eles montaram e foram embora, a Biblioteca fechou às 21 horas e todo mundo foi embora. Ficamos eu e o Jesuíno lá. A gente dormia à noite – ninguém conseguia ficar 12 horas acordado – ele dormia no vigésimo primeiro. Ele chegou para mim e disse: “Oh, Nonato, boa noite, eu vou dormir”. E naquele tempo não tinha grade. Aí eu: “Tudo bem, vai dormir, eu fico aqui esperando”. Tinha que esperar os parentes da pessoa, do falecido que iam chegar de longe, lá do Rio Grande do Sul, de madrugada.

Eu fiquei lá, tomando conta do corpo, para ele não fugir. Fiquei tomando conta, o Jesuíno subiu. Quando eu me vi, eu estava dormindo do lado do corpo e eu acordei com as pessoas batendo na porta, aquela porta de vidro, né? Batendo, batendo... Eu dei um pulo e na hora que eu olhei o pessoal estava tudo lá fora. Eu fui lá abri a porta, o pessoal entrou... Eu antes disso, tinha a curiosidade, logo quando o corpo chegou quando eles abriram o caixão... Eu fui olhar e a pessoa estava bem desfigurada e aquele caixão de zinco, aquela coisa meio... Bem deprê mesmo. Eu olhei e fiquei com aquela imagem, não consegui mais tirar aquela imagem da pessoa da minha mente. As pessoas vinham e iam ficar, mas elas olharam, olharam e foram embora. Eu voltei a ficar sozinho. E aí não teve mais clima, já estava bem para baixo mesmo. Sai, fui lá num restaurante que tinha lá e pedi um conhaque e bebi. Tomei o conhaquinho e consegui ficar mais à vontade. Foi



um negócio interessante, eu me lembro disso hoje como uma coisa engraçada. Eu nunca tive medo desses negócios.

Na primeira reforma, eu fui o único autorizado a ficar lá dentro, a Lúcia... Eu não fumava e ela tinha uma confiança em mim, então eu era o único autorizado a ficar dentro do prédio da Biblioteca e depois das 17 horas quando encerrava a função, ninguém mais podia entrar. Só eu e o Jesuíno e o Jesuíno naquele dia não veio, fiquei eu sozinho lá.

**AE:** Eram só os dois para a Biblioteca toda?

**CA:** Só dois, para a Biblioteca toda. Tinha os vigilantes da construtora, mas eles ficavam para fora. E nessa que eu fui verificar tudo, quando tocava a sirene para eles irem embora, eles largavam as ferramentas, tudo nos andares. Você tinha que ir atrás para ver se tinham apagado as luzes, se estava tudo certo. Numa dessas rondas que eu fui fazer, eu peguei o elevador e, como eles iriam trocar os elevadores, eles tiraram toda a lateral e só tinha a plataforma do elevador, eu peguei o elevador e fui até o décimo segundo. Lá tinha uma luz acesa, eu segurei a porta do elevador com o pé e o interruptor era bem do lado e eu fui e apaguei o interruptor, dei uma olhadinha e não tinha nada. Quando eu fui voltar para o elevador, ele tinha descido. Na hora eu fiz uma força enorme para não cair, voltei e fechei a porta e cai no chão. Fiquei lá e o coração parecia que ia sair pela boca. Não ia sobrar nada, ia ser um adeus... Do décimo segundo. E na base do elevador tinha um monte de ferramenta. Ia ser lamentável.

Sentei e fiquei com aquela coisa toda. “Agora eu não vou mais pelo elevador, vou pela escada”. Quando eu estava descendo a escada parecia que alguém estava descendo comigo. Sabe, eu olhava para trás e não via ninguém. Continuei descendo e não via ninguém, fiquei com aquela sensação. Quando cheguei lá no térreo, me passou uma ventania fazendo um rodado, levantou até poeira do chão e foi embora. Eu saí um pouco lá fora, tomei um ar e refletindo o que tinha acontecido: “Ah, será que é alguém que... deve ter sido a pessoa, o espírito que me segurou para eu não cair”. É aquela coisa toda, depois me acalmei. Mas teve vários outros episódios...



**AE:** Tem mais algum?

**CA:** Teve um outro caso... Uma vez teve enchente lá no subsolo, onde dizem que vai ser o refeitório. Tinha o subsolo lá, o térreo, ou melhor, o porão e deu uma chuva forte, encheu de água. Lá tinha as partes de luz, as caixas, os transformadores ficava tudo lá embaixo. Eu estava lendo um jornal e devia ser umas seis horas da manhã, eu já estava para me retirar, para ir embora. E aquele zumbido, sabe aquela... Parecia um motorzinho ligado, eu olhava o prédio todo e não via aquele zumbido, não sabia de onde vinha, eu ouvia, mas não sabia de onde vinha. Com aquele zumbido, aquela coisa toda eu falei: “Eu não posso ir embora, eu não sei o que é isso aqui”. Chamei o eletricitista, um tal de Baianinho que tinha lá, muito gente fina. Fui no alojamento, chamei: “Baiano, vem aqui, me acompanha que eu não sei o que é isso aqui. Eu não posso entregar o prédio desse jeito para outro que vai entrar”. Descemos lá no porão e ele com a experiência toda dele, pegou uma chave de fenda de cabo verde e falou: “Vamos descer no porão e ver”. Quando descemos, nós vimos que a água tremia, ela fazia aquelas ondas e aquele zumbido continuava. Quando nós fomos descer, ele disse: “Não desce”. Ele pegou a chave de fenda e jogou. Mas deu um estalo! Entortou a chave de fenda, o cabo derreteu. Ele falou: “Se nós dois tivéssemos descido, nós teríamos morrido na hora”.

Tivemos que chamar o bombeiro. Descobrimos que era uma caixa que tinha fora da Biblioteca que tinha entrado água... E as questões técnicas, tanto que eu não consegui descobrir o que era. Aí resolveram o problema, mas foi uma das coisas que eu me vi... Senti que por duas vezes a minha vida teve... Sabe, não fui mesmo porque não era a hora mesmo, mas eu tive dois momentos difíceis. Esta [reforma] está tranquila, nós não temos nem acesso, não podemos entrar nessa parte que está sendo modificada, sendo construída e reformada. É uma coisa que eu já me tranquilizei bastante saber que não só eu, mas tudo que está a meu redor não está passando por uma situação de risco. Está todo mundo tranquilo e sem problema nenhum.



**AE:** Nonato, nessa época que você ingressou na Biblioteca, retornando um pouquinho, foi o momento da reforma, da gestão da Marilena e da diretora Lúcia Neíza. Como foi trabalhar nesse momento da Biblioteca?

**CA:** Quando você entra para ser um funcionário público... Naquele momento era como uma outra empresa. Você tinha aqueles deveres e aquela coisa toda para fazer. Mas aí você vai vendo que a coisa é mais *light*, que a coisa não é tão assim. O pessoal deixa você mais solto. A Lúcia Neíza foi excelente, para mim ela foi uma excelente diretora, ela estava sempre presente, você via que ela tinha um cuidado enorme com aquele acervo para que nada acontecesse, para que tudo fosse tranquilo e a convivência no tempo que eu trabalhei de manhã, antes de passar para a noite, eu fiquei um pouco ali na parte da diretoria, eu fiquei um tempo com ela. Ela pedia para eu fazer vários serviços para ela, ia ao Centro Cultural levar documentos. Você vê, mal sabia eu que hoje eu estaria no protocolo fazendo este tipo de serviço, mas no tempo da Lúcia eu também... Ela pedia muito para eu fazer: “Entrega isso aqui, precisa ir ao banco”. Resolvi vários probleminhas para ela. Ela era energética com o acervo, como diretora ela se impunha. Mas convivendo com ela, você via que ela tinha aquele lado bem tranquilo. Ela era severa, quando tinha que tomar uma atitude contra um funcionário, ela tomava, mas tinha o lado de entender o seu problema. Você chegava às vezes meio irritado com alguma coisa e ela sabia lidar muito com isso aí. Eu não tive problema nenhum com a Lúcia, com o Zé Eduardo na época que também a auxiliava, a Cecília foi diretora de acervo na época. Eu convivi muito bem com ela, sem problema nenhum. Como até hoje eu convivo muito bem com os funcionários, não tenho problema com funcionário nenhum, fui sempre tranquilo.

Todo setor que eu vou, modéstia à parte, eu me dou bem e sou bem aceito, porque eu sei trabalhar, sei lidar, sei respeitar as pessoas e também o que eu passo as pessoas me devolvem com aquela coisa de saber lidar comigo. Eu sou uma pessoa que, às vezes, demora a entender certa coisa, mas o que pedem e o que estiver ao meu alcance, eu sempre estou disposto a fazer. Porque eu amo a Biblioteca, eu sou apaixonado pela Biblioteca, pelo prédio. Eu sempre falei isso para o Zé Eduardo, para a Lúcia, falei para o Rodrigo e estou falando para você agora



que eu sou apaixonado por aquela edificação, por aquele acervo e por ser funcionário público; eu tenho o maior orgulho também, de ser funcionário público e de ser parte da Cultura.

**AE:** Com relação à reforma nessa época da gestão da Marilena, como é que foi em relação a esta que está acontecendo agora?

**CA:** Olha, teve um momento que foi meio assim... Foi na época dos contêineres, o acervo foi colocado dentro de contêineres. Teve um falatório enorme sobre o porquê de um acervo tão importante estar guardado em contêineres. Do meu lado, nós cuidamos, foi bem preservado e não teve o que se falar. Na época se falava, foi aquela coisa: “Acervo, jornais dentro de um contêiner aqui na praça”. Na medida do possível, fizemos tudo o que tinha que ser feito, o acervo foi preservado como está sendo preservado nessa reforma também. A nossa preocupação maior era com o acervo, tanto da vigilância como da direção. Preocupação, uma coisa que você tinha que estar ali presente, não podia descuidar um minuto. Tem jornais lá que se você colocar lá um pouquinho de luz ele pode pegar fogo, coisa que já aconteceu, isso não foi na reforma, foi no tempo do Efigênio. Eu não sei o que aconteceu lá, acho que deixaram um vidro aberto, acho que no décimo quinto andar e só o calor do vidro fez com que os jornais pegassem fogo. Foram tomadas providências rápidas e você sabe que em um prédio de 22 andares com jornais e revistas eu acho que dificilmente alguma coisa poderia ser feita, mas as pessoas logo olharam e conseguiram controlar. Foi um princípio, mas poderia ter virado uma tragédia enorme, em termos de vida acho que não, mas para a cultura seria lamentável perder um acervo daquele. Foi tudo tranquilo e isso pela energia da direção de estar ali em cima, de estar atenta e sempre cobrando de nós para que fizéssemos o melhor. Foi desse jeito que conseguimos nos manter e ficar aquele um ano, ou um pouco mais, mantendo e tomando cuidado para que nada saísse da rotina, que nada se transformasse em uma página de jornal. Então foi tranquilo...

**AE:** A sensação de que você estava num canteiro de obras...



**CA:** Esse lado aí é aquele negócio: para tudo você tem a primeira vez. Eu nunca tinha vivido no meio de tanta... Às vezes de pessoas com a cabeça meio fraca. Aconteceram brigas ali no canteiro de obras. Facadas, garrafadas entre os funcionários da obra. Você ficava: “Como é que pode uma pessoa chegar a um nível desse?” Mas você via que os coitados às vezes trabalhavam sobre pressão, tinha aquela coisa toda. E tinha que separar os funcionários da Biblioteca dos funcionários da construção e muitos não gostavam dessa separação: “Por que vocês têm que ficar aqui dentro, às vezes, com um certo conforto e nós temos que ficar lá fora?” E não era bem assim, porque o alojamento deles era bem confortável, era uma casa.

**AE:** Onde ficava o alojamento?

**CA:** Ali na pracinha. A praça toda ficou tomada pela reforma. Não tem a Cruz na praça? Ele passou aquela cruz. Porque... Ali na praça tinha um banheiro comunitário e ele foi todo aterrado e a praça modificada. Então, se estendeu para além dos limites da Biblioteca, pegou quase a praça toda.

Era complicado tomar conta. Você tinha que tomar conta do acervo, olhar o prédio e às vezes olhar os funcionários porque eles entravam muito em atrito. Em dia de pagamento eles se excediam muito na bebida e depois voltavam tudo querendo... Você não podia nem olhar para eles que isso já virava motivo para arrumar encrenca... Então você tinha que saber contornar isso aí e saber lidar com o pessoal. Era complicado esse lado de por qualquer coisinha, por um motivo besta, uma chave de fenda, virar aquela briga toda que, às vezes, você tinha que chamar a polícia, porque nós não podíamos nos intrometer. Era complicado porque você via a coisa chegando na sua frente e você quase fazendo parte daquela briga toda, sem querer, não é?

Tinha que saber contornar e, ao mesmo tempo, se preocupar com o acervo. Às vezes tinha que subir os 21 andares de escada e descer. Numa noite eu acho que eu cheguei a subir umas seis vezes para... Porque às vezes fulano subiu e tinha que ir atrás e às vezes não era nada, às vezes tinha mesmo gente lá dentro. Até você fazer a pessoa entender que não podia subir: “Oh, não pode”. Você tinha que chegar para uns caboclos de quase dois metros e sabendo que você está num



abismo: “Pô, se o cara me jogar daqui, um abraço”. Então você tinha que contornar, às vezes, a pessoa estava bem chapadona mesmo. Tinha que tomar muito cuidado para você não ser a vítima.

**AE:** Eles entravam de noite mesmo?

**CA:** Às vezes eles furavam o bloqueio e subiam. Às vezes para ver... Na época de natal os fogos. Era uma das nossas preocupações também porque várias vezes passavam pessoas que miravam os fogos para a Biblioteca, sabendo que ali era... Jogava para ver. Então, nós tínhamos que ficar atentos com isso aí. Um estourinho de rojão aqui, uma bombinha ali você tinha que correr nessa época de fim de ano. Era por aí, foi estressante, bem estressante, mas demos a volta por cima e está aí a Biblioteca passando por uma segunda reforma hoje.

**AE:** E a segunda reforma, na sua opinião, como que...

**CA:** Que nem eu falei para você, se você não rodar o prédio, não olhar... Tirando a poeira que sobe e nós que ficamos ali na recepção, às vezes, vem aquela poeira, aquele cheiro de soda. Mas tirando essa coisa, se você não olhar para a edificação e ver aquela parafernália toda montada em volta dela, você não sabe que está ocorrendo uma reforma. Está sendo bem tranquila. Até por não termos acesso a essa parte que está sendo restaurada e reformada. Eu mesmo esqueço. Às vezes cai um martelo, cai um negócio que eu: “Pô, está em reforma!”.

Esses dias eu estava fazendo o meu serviço e uma senhora veio pedir uma informação para mim. É como se eu tivesse voltado àquele tempo, eu expliquei para ela: “Você tem que ir aqui, nesse endereço”. Dei o telefone e de repente aquele barulho de furadeira e eu falei: “Eu não estou mais atendendo o público, eu estou na parte da administração”. Aí que a ficha caiu e você lembra que está em uma reforma. Está sendo bem legal, está bem tranquilo.

**AE:** Nonato, quando você entrou na Biblioteca a diretora era a Lúcia. Depois foi a Nina Rosa?



**CA:** Para falar a verdade... Eu me lembro muito do Castilho... Foram diretores de pouco tempo, mais para substituir uma que estava para chegar. Eu não me lembro de todos. Teve a Lúcia, depois a Marli, depois entrou a... Esqueci o nome dela. O seu Castilho teve pouco tempo também, eu estava à noite ainda e nos víamos muito pouco. Dos que eu posso lembrar mais são da Lúcia, do Zé Eduardo, da Cecília, diretora de acervo, da Marfísia com quem eu também tive pouco contato. Os que eu tive mais contato foram os mais antigos. Com o Rodrigo e com a Branca o contato é pouco, mas está sendo bem tranquilo.

**AE:** Em termos de Secretário de Cultura, qual na sua opinião teria sido...

**CA:** Olha, eu sou Marilena Chauí até morrer. Para mim foi a melhor, pela cultura foi show de bola. Curti muito as terças e quintas musicais, os eventos, as palestras, os cursos de poesia. Por enquanto é imbatível, não encontrei ainda uma secretária que eu posso falar essa está legal também. O Calil também é excelente.

Com a Biblioteca fechada é aquele negócio, eu não tenho como falar... Hoje eu estou mais restrito à Biblioteca, eu não estou saindo muito. Mas vamos ver quando abrir, vamos ver o que vai ser feito. Eu estou esperando por isso.

**AE:** Nonato, você ficou bastante tempo trabalhando à noite. Você conseguia ter algum outro tempo para fazer pesquisa no acervo como fazia antes?

**CA:** Não. É aquele negócio: eu chegava na Biblioteca e pegava os livros que os bibliotecários esqueciam de guardar, eu pegava para ler. Às vezes eu ia e falava: "Acho que esse livro foi deixado para eu ler". E eu pegava e lia. Foi assim, eu não tive mais aquela coisa de subir e ler porque, às vezes, eu chegava muito cansado, o dia tinha sido muito estressante e eu chegava muito cansado. Nós tínhamos, na zeladoria, uma banheira enorme, eu tinha um armário então eu chegava lá tomava um banho. Às vezes até dormia e descansava um pouco, porque estava só a carcaça. Mesmo assim dava um tempinho para ler, mas procurar na estante, não. Esqueciam um livro, pegava para guardar, folheava: "Pô, interessante". Às vezes



guardava porque não me interessava. Então era assim, eu passei a ler muito o que eu pegava para guardar, eu sabia onde era tudo, não é? Comecei a usar esse método de só ler o que estava em cima da mesa, mas não tive muita oportunidade de ler, chegava muito cansado.

**AE:** Você mudou recentemente. Você foi trabalhar no atendimento ao público... Faz quanto tempo isso?

**CA:** Faz um ano, antes da Biblioteca fechar. A Rosely na época era a encarregada do setor da recepção e me chamou para trabalhar com ela, a Rita deu todo o apoio, falou: "Oh, vai que é legal". Tanto é que a Rita falou: "Se eu soubesse que você estava com toda essa energia, com toda essa disposição para trabalhar e atender o público, eu já teria te chamado bem antes". Eu falei: "Eu aceitaria, porque minha vida ficou um tempinho parada". Eu deixei um pouco os outros serviços e ia fazer muito *freelancer*, tocar bateria com bandas, que é mais estressante ainda; eu tinha um fusca e tinha que andar com a bateria. Em dez minutos eu tinha que desmontar a bateria enorme e colocá-la dentro de um fusca. Era muito desgastante, estressante também, né?

Na recepção foi legal. As pessoas vinham com uma carga enorme negativa e eu com uma palavrinha, a pessoa voltava e falava: "Foi bom ter conversado com você" Eu falava: "É por aí, não pode entrar estressado, você entra em uma biblioteca estressado, você vai ler o quê?" Na biblioteca você tem que entrar relaxado, bem sossegado, esquecer o movimento lá fora, senão não tem graça, você entrar em uma biblioteca para ficar aí... Tem gente que entrava lá e ficava horas e horas... Eu entrava, saía e a pessoa estava lá ainda. Sabe aqueles consultentes bem antigos que, às vezes, chegavam com aqueles problemas todos, eu falava: "Calma vamos conversar, sinta porque entrar em uma biblioteca estressado não vai dar certo. Você vai me deixar estressado e vai deixar todo mundo lá dentro estressado. Senta e vamos conversar..." A pessoa saía numa boa e no outro dia voltava e falava: "Legal". É bem por aí, eu gosto disso aí.

**AE:** Você recebeu algum tipo de treinamento, instrução?



**CA:** Não, acho que lidar com o público é uma coisa que você não precisa fazer um curso. Você precisa olhar para o público, olhar para a pessoa nos olhos... Eu tenho uma percepção muito boa de olhar para pessoa assim e dizer: “Pô, é legal conversar com ela”. Às vezes a pessoa nem quer muito papo, e você sabe quando ela não quer papo. Você se fecha e fica na sua, atende como deve ser atendido e fica na boa. Mas quando a pessoa vem puxar papo com você e conversar... Você olha para pessoa, vai conversar coisas boas, sadias. Quando as pessoas vêm com problemas de fora, eu falo: “Esquece aqueles problemas, vai ler um bom jornalzinho, vai ler”. Mas, às vezes, você vai ler o jornal e fica mais irritado, então pega um outro livro para ler.

Então é esse negócio, com o público você não precisa ter aquele negócio de fazer aquele laboratório todo para saber lidar. É sentar ali e atender a pessoa bem.

**AE:** Paciência.

**CA:** Ter paciência. E aí é bem legal, lidar com o público é bem legal.

**AE:** Nonato, mesmo você não estando há muitos anos nesse setor, você consegue saber dizer quais as áreas que as pessoas mais procuravam e se houve uma mudança de público nos últimos anos?

**CA:** Na recepção tinha os escaninhos específicos para cada setor, a sala de arte, setor de periódico, setor de legislação. Aquela divisão toda, não é? Antes de eu passar para a noite, você via que era um público mais voltado... Eram muitos estudantes que pegavam livros didáticos para interagir com a aula, aquele negócio. Nessa segunda vez que eu voltei para a recepção, você via que era um pessoal mais voltado para a parte de legislação, as pessoas iam muito para ler o Diário Oficial. As pessoas estavam procurando... Queria fazer um concurso de vigilância sanitária, dentista, restaurante. A parte de leitura mesmo, a parte de pegar um livro de poesia, literatura ficou meio esquecida. As pessoas estavam correndo atrás de livros didáticos, coisas de informação mesmo.



As pessoas que iam muito atrás de legislação eram aquelas pessoas que já tinham o seu consultório. Elas sabiam que a Biblioteca estava ali para oferecer muito mais, mas foram a vida toda delas atrás do jornal de legislação que era para os interesses delas. A pessoa nunca se preocupou para pegar um livro para ler, ela só ia naquela coisa que interessava, a cotação do dólar... As coisas que interessavam mesmo. Poucos iam atrás de literatura ou da sala de artes. Nesse tempo que eu atendi, poucas... A não ser aquelas pessoas que estavam fazendo *design*, arquitetura, mas era mais estudante. Agora, para ler mesmo sobre a arte ou literatura eram poucos.

**AE:** E o pessoal de raros. Você deve ter várias histórias, porque atendendo o público devia...

**CA:** No [setor de] raros é um público mais intelectual. Um público que vai ali e sabe o que quer, já vai ali sabendo o que ele quer ver. As pessoas às vezes já chegam mais assim... Então você procura não conversar muito, eles chegam e falam: “Eu vou ao setor de raros, eu quero ver uma obra de Fulano de Tal”. Então a pessoa se limitava e não queria muita conversa. Ela quer chegar lá, ver o que ela quer e ser bem atendida, como todo mundo, como todo setor e ir embora. Elas conversam pouco. É diferente das pessoas que procuravam os jornais do dia. Às vezes é aquele coitado que não tem dinheiro para comprar jornal. São pessoas que estão mais dispostas a conversar. O Raros tinha essa coisa mais intelectual, chegam ali e conversam pouco, querem ser bem atendidos e que você converse o mínimo possível. Você tem que dar aquela informação básica: “É isso, naquele andar, o senhor não pode xerocar, nem microfilm”. Aí ele quer saber o porquê: “Porque o senhor está lidando com um livro raro, uma peça única e o senhor não vai...”. “Ah, tá e como que eu faço”. “Você conversa lá com o encarregado ou com o supervisor do acervo e vê o que eles podem fazer”. Diferente das outras áreas, na parte didática onde temos mais a molecadinha, os jovens que estão procurando algo que ele vai usar naquele dia, naquela prova, naquele concurso. Você trabalhando ali, você sente que há aquela divisão. O público que vai procurar por um setor é de um jeito, o público que vai procurar por outro setor é de um outro jeito. E uma hora você tem



que estar sorrindo e outra hora você tem que estar mais... Falar pouco e saber: esse aqui não quer conversa. Eu não sou de puxar conversa, as pessoas que vinham conversar comigo e eu... Você tem que saber lidar, saber o que a pessoa quer, o que ela não quer.

O nosso problema era muito com bolsa, no setor da recepção. Era uma coisa bem constrangedora você lidar com os pertences de valores das pessoas. As pessoas ficavam olhando para sua cara e diziam: “Eu não vou deixar a minha bolsa aqui”. Eu falava: “Olha, minha senhora, você não pode entrar com a bolsa”. “Mas por que eu não posso entrar com a bolsa?” “Olha, por causa disso, disso...” “É, mas eu vou deixar a minha bolsa aqui e que garantia o senhor me dá?” “Eu infelizmente não posso te dar garantia nenhuma, eu estou trabalhando aqui, mas não sou desse setor. Eu estou aqui passando por uma situação constrangedora de estar te pedindo isso aí. Eu não posso deixar você entrar com a bolsa, estou numa situação super complicada e você vai me deixar a sua bolsa, mas eu não sei o que tem na sua bolsa. Você vai deixar uma bolsa comigo, acredito que tenha coisas de valor. Você vai subir e essa bolsa vai ficar comigo. Agora se você falar que essa bolsa tem cinco mil reais e não tem, e aí? Olha a minha situação”. Então ficavam aquelas coisas, várias vezes eu quis sair de lá. Levantei várias vezes a portinhola e falei : “Não dá para trabalhar nesse setor”. Mas as pessoas diziam: “Não, vai com calma”. Aí eu mesmo parava e pensava: “Eu estou aqui , então eu tenho que saber lidar com o público e é desse jeito que vou lidar”. Então as pessoas vinham e falavam: “Vou deixar a minha bolsa aqui?”. Eu falava: “É, sua bolsa fica aí mesmo, não tem problema, se não deixar aí, eu não posso deixar o senhor entrar”. “Tudo bem, eu vou confiar em você?”. “Mas não é uma questão de confiar em mim. Eu não tenho intenção nenhuma de mexer na sua bolsa e eu não posso deixar o senhor entrar. O senhor vai ter que deixar a sua bolsa aqui. Se não quiser, o senhor se retira. Você vai a uma biblioteca que já tenha o escaninho fechado”. “Mas onde é essa biblioteca?” “Eu não conheço, a circulante está fechada. O senhor vai ter que procurar, porque eu não conheço uma biblioteca que tenha o escaninho fechado”.

**AE:** As pessoas reclamavam muito disso?



**CA:** Demais. A maioria das reclamações era isso. Tinha pessoas que iam lá só para te aborrecer. E você não pode perder o controle. Eu nunca vivi uma situação nesse um ano e pouco que eu fiquei lá... Nunca senti na pele a pessoa chegar e dizer: “Você mexeu na minha bolsa”. Teve situações com outros que eu vi e foram super chatas: “Oh, Fulano, você mexeu na minha bolsa, a minha bolsa está rasgada e não estava” “Olha, senhora, eu coloquei a sua bolsa aqui”. “É, mas a bolsa não estava rasgada”. “Eu não reparei se a sua bolsa estava rasgada, agora você está falando que a sua bolsa está rasgada”. E daí? Eu falava: “Espera aí”. Eu chamava a diretora e falava: “Se caso for, tem uma base militar ali, nós chamamos a polícia”. “Ah, não, não precisa chamar a polícia”. Então você vê que a pessoa só estava ali para criar confusão. “Então está bom, se você acha que está faltando alguma coisa, vamos chamar a polícia e a direção”. “Não precisa chamar a polícia, não precisa”. “Então, senhor, você veio aqui, fez esse auê todo para quê? Para constranger a gente? Para deixar a gente para baixo? Você não vai conseguir isso. Pega as suas coisas, se retira e tudo bem”. Eu estava vendo os armários que chegaram lá, com chave e tudo, acho que a coisa vai ficar bem melhor agora. Todas as bibliotecas estão adotando. A coisa vai ficar muito mais tranquila, sem esse constrangimento todo. Às vezes você via a pessoa entrando com a bolsa, os vigilantes não viam. Eu não consigo dizer: “Dá para você abrir a sua bolsa?”. Não consigo, nem quero. Espero nunca fazer isso. Às vezes eu falava com os vigilantes: “Vou passar essa missão para vocês”. A pessoa ia lá, abria: “Oh, não tem nada aqui” “Eu lamento, mas vivemos num mundo, num país em que, se você não fizer isso...” Algumas acabavam entendendo, e outras te mandando para aquele lugar.

**AE:** Nonato, você já atendeu alguém famoso?

**CA:** Lúcia Veríssimo, Regina Duarte, o nosso presidente Lula.

**AE:** É mesmo?

**CA:** Na época, é lógico, ele não era presidente. O Carlos Tramontina, o Carlos Nascimento. Vários personagens do meio artístico e jornalístico passaram por lá.



**AE:** Alguma coisa que tenha se destacado ou algum deles que tenha feito alguma coisa?

**CA:** Olha, todos eles são simples. O que a gente via é que todos eles são pessoas simples. Não deixaram transparecer que eram pessoas importantes. Pessoas calmas, sem problema nenhum.

**AE:** Quando reabrir a Biblioteca, você gostaria de ir para outro setor? Ou você quer permanecer no mesmo setor? Quais são os seus sonhos?

**CA:** Essa parte burocrática eu não... Já trabalhei em banco e ainda bem que fui mandado embora. Eu detestava banco, detesto ficar assinando, carimbando. Isso não é comigo. Meu negócio é pegar uma baqueta e tocar bateria, fazer shows, apresentações, lidar com o público, que não é aquela coisa de ficar rabiscando e escrevendo. Se eu tiver a oportunidade de voltar para a recepção seria uma boa. Mas se não tiver também... Vou fazer o quê? Não é? Mas eu pretendo batalhar para voltar para esse setor, a recepção. Espero que eles lá consigam.

**AE:** Nonato, essa reforma, de uma certa maneira, se integra numa tentativa de recuperar o centro de São Paulo, de revalorizar. Você acha que isso realmente pode acontecer? E que outras ações que a Biblioteca deveria tomar?

**CA:** Eu torço para que isso venha a acontecer. Estamos caminhando, a reforma da Biblioteca... Eu estava lendo o Diário Oficial sobre a revitalização da Estação da Luz. Espero que volte a ser... São Paulo é aquele negócio, sempre teve o lado cultural excelente. Espero que fique melhor ainda independente do prefeito, do secretário. Espero que ela tenha vários shows. Infelizmente eu não sei se vão voltar os shows do Anhangabaú, que tinha ali em cima. Parece que não vão voltar mais, lamentável também. Espero assim que esse projeto vá em frente, que a Biblioteca seja o centro das atenções. O Centro Cultural está longe e é um concorrente muito forte, mas eu espero que a Biblioteca seja o centro, que chame o povo, que a Virada Cultural



continue e que nas próximas viradas culturais esse projeto já esteja bem encaminhado, com a Biblioteca fazendo parte disso aí. O centro está precisando, é como eu disse para você, esse tempo que eu trabalhei à noite você vê que quando o povo diz que São Paulo não para, não para tanto na parte cultural como na violência. São Paulo vive a cultura de manhã e de noite, mas vive a violência de manhã e à noite ela dobra. Espero que seja mais tranquilo, que as pessoas possam curtir São Paulo. A noite paulistana eu não conheço muito, mas é a melhor que tem. Eu sei e quero viver. Tomara que esse projeto siga em frente e melhore bastante.

**AE:** Qual seria para você o símbolo da cidade? Como você tem toda essa visão da cultura, do centro da cidade, você teria alguma idéia?

**CA:** Símbolo...

**AE:** Quando você pensa em São Paulo, você pensa no que mais? À noite... O que caracteriza a cidade?

**CA:** Eu sou apaixonado pela noite paulistana. Estou casado agora, a mulher segura um pouco. Mas na medida do possível eu procuro curtir com a família. Espero que tenha mais paz, que as pessoas encontrem a liberdade de sair com a sua família, sozinho, com a sua namorada. São Paulo é conhecida pela gastronomia... São Paulo pode bater de frente com França, Londres. Que tenha mesmo um espaço bem identificado, que possa segurar as pessoas aqui no centro. Que seja uma referência muito boa mesmo. Na gastronomia... Eu adoro comer...

**AE:** Nonato, você tinha falado um pouquinho antes que você tinha orgulho de ser funcionário público. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso. E se você sente que houve uma diferença grande no funcionalismo, no trato com funcionário, nas atitudes do funcionalismo desde que você ingressou nessa vida.

**CA:** Depende de quem está no poder. Tem muitos funcionários, sem generalizar, que vão ali... Se tem um bom governante... Se tiver uma pessoa que deixa mais



solto, como toda coisa pública, a tendência é ficar relaxada. Mas o funcionário público hoje está cobrando mais. Hoje nós temos oportunidade de cobrar: “Falta isso, falta aquilo”. Antigamente faltava uma caneta e ninguém reclamava, ninguém fazia nada. Ficava aquela mesmice e a coisa ia se deteriorando, ia ficando bem esquecida. O funcionário ia para aquele lado: “Funcionário público é isso, é aquilo”. É aquele negócio: você se deixa acomodar. Eu nunca me acomodei, sempre procurei fazer meu serviço, meu horário. Se uma seção está precisando, eu socorro a seção. Se uma outra seção está precisando, eu vou também. Eu sempre fui assim bem à vontade para trabalhar. Gosto de fazer, gosto de trabalhar nesse lado da cultura, do funcionário público. Eu gosto de... O meu orgulho, eu já falei para você, é saber que eu estou na cidade que eu amo, tenho um prazer enorme de ter nascido aqui. Saber que é uma cidade que pode te oferecer cultura, pode te oferecer lazer, um convívio social legal. Um dos meus maiores orgulhos é de ser um paulistano e de ter nascido no Tucuruvi, região que eu não troco por nada. Nasci e fui criado, me casei e o meu filho é criado lá na zona norte. Tem a Serra da Cantareira que hoje, infelizmente, está meio invadida, mas convivi bastante nos tempos que tinha tatu passando na rua, você tinha que breicar o carro. As fontes, a água cristalina descendo e você podia beber. Tinha a fonte da Gioconda lá na Vila Bertina que você podia buscar água. Tive oportunidade de morar em Ribeirão, mas é aquele negócio, eu não troco o barulho de São Paulo, o barulho de São Paulo por lugar tranquilo nenhum. Prefiro estar na poeira, na poluição, no barulho dos carros, buzina. Eu ia muito para São Bento de Sapucaí, não sei se você conheceu. É uma cidadezinha perto de Campos do Jordão, maravilhosa a cidade. Pequeninha, bem interiorana mesmo. Você acordava com as vacas passando com aquele sino balançando na rua, mais o sino da própria igreja. Eu ia para ficar 15, vinte dias, dava uma semana e falava: “Não dá”. Os amigos ficavam e eu voltava, não dá. Quero ouvir aquela buzina no meu ouvido, quero sentir aquela poeira no meu nariz, meus olhos irritados. Eu passo do Tucuruvi para cá, meus olhos já ficam... Tem gente que pensa que eu fumo um “baseadinho”, mas nada a ver. Passou do Tucuruvi para cá, os olhos já ficam irritados. Mas eu estou ali, gosto... Meu orgulho é isso aí, estar no meio dessa bagunça toda, fazer parte da bagunça.



**AE:** Para terminar, qual o futuro que você imagina para a Biblioteca?

**CA:** Agora com essa reforma, com esse café, que eu sempre quis, a pessoa vai poder tomar o seu cafezinho e pegar um livro para ler. Eu mesmo pretendo, quando tiver alguma oportunidade, pegar um livrinho, tomar um cafezinho. Pena que aqui não pode ter uma cervejinha, um vinhozinho, mas é isso aí. Espero que os pilares dela continuem fortes e que seja uma referência como foi, como está sendo. Espero que seja uma referência muito boa para São Paulo, culturalmente, na parte de edificação porque é um charme você ver aquela torre sozinha na praça. Tem gente que olha e acha que a Biblioteca é só aquela parte, aqueles três andares. Mas aí eles olham e falam: “O que é isso?” “Nós chamamos de torre”. “Mas é a Biblioteca?” “É a Biblioteca”. Tem gente ali na praça Dom José Gaspar que foi conhecer a Biblioteca há pouco tempo, uns meses antes de fechar. “Moro aqui há tanto tempo, sabia que isso era uma biblioteca, mas nunca tinha entrado, nunca entrei”. Eu falava: “Entra e aproveita, veja como ela está agora porque ela vai sofrer uma reforma, uma mudança”. Eu até penso que os mais nostálgicos, aqueles mais antigos, quando olharem aquela sala de leitura e verem aquela armação toda, eu acredito que muitos irão se decepcionar um pouco de ver aquela armação toda no mezanino. Para mim é aquele negócio, tem a parte tombada e a parte moderna. Acho legal entrosar os dois, mas muitos vão estranhar. Aquele salão enorme era o charme da Biblioteca e para alguns ver aquelas armações vai chocar um pouco, depois elas vão se acostumar e vão saber que a Biblioteca está ali para oferecer serviços. E também para embelezar mais a cidade que tem as construções modernas... Espero que ela tenha um futuro bem legal e eu espero estar fazendo parte desse futuro também.

**AE:** Ótimo, Obrigada. Tem mais alguma coisa que você gostaria de contar?

**CA:** Olha, eu entrei no tempo que não tinha grade e era lamentável. Quem gostava de filme pornô não precisava ir a outro lugar, era só ficar ali uns dez minutinhos. Eu ficava meio chocado. Os mendigos dormindo na praça, aquela sujeira toda. A entrada principal da Biblioteca tinha que ser lavada com detergente, com produtos



pesados para tirar o odor, aquela coisa toda. O pessoal só faltava entrar lá dentro e... Tirando essa grade aí eu acho que a coisa... Se o pessoal da segurança não estiver bem preparado com aquele mural todo de vidro sem grade, vai dar trabalho. Eu não queria estar na pele de quem vai cuidar da segurança. Eu não queria fazer parte de nada, nem de encarregado. Você vê que no Teatro Municipal tem todo aquele controle. Ele não tem grade, mas ele está sempre limpo, sem pichação porque tem um aparato muito grande em volta dele às vezes imperceptível para nós, mas ele está ali, o pessoal está tomando conta, invisível, mas está tomando conta. A Biblioteca vai ter que ir pelo mesmo caminho se ela quiser manter toda integridade do prédio. Eles vão ter que fazer um esquema muito forte, porque o Teatro Municipal está numa parte descampada, agora a Biblioteca...

**AE:** Integra-se com a praça...

**CA:** Praça. Eu acredito que vai dar trabalho. Se eles não fizerem um esquema de segurança muito forte, bom, que dê resultado, o negócio não vai ser fácil não. Tanto para quem está lá dentro quanto para quem está lá fora, eu acho que vai... Para quem está lá dentro, risco assim eu acredito que não, vai chegar uma hora que as coisas vão estar quebradas. Agora para o guarda que vai ficar fora... Espero que não, não estou querendo ser profeta, mas acho que vai correr risco de se acidentar. Espero que isso não aconteça.

**AE:** Então eu acho que é isso. Muito obrigada.

**CA:** Obrigado a você.

**AE:** Foi ótima a sua entrevista.

